



SAMYN, Henrique. Sobre o episódio da visitação dos magos no *Memorial da Infância de Cristo*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

SOBRE O EPISÓDIO DA VISITAÇÃO DOS MAGOS NO *MEMORIAL DA INFÂNCIA DE CRISTO*, DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

ON THE VISITATION OF THE MAGI IN THE *MEMORIAL DA INFÂNCIA DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR*, BY SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

Henrique Marques Samyn¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO: O *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* é a primeira parte da trilogia épica composta por Soror Maria de Mesquita Pimentel, que se completa com o *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor* e o *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor*. Este artigo pretende analisar como a referida composição épica apresenta uma das passagens mais conhecidas da tradição bíblica: a visitação dos magos.

ABSTRACT: The *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* is the first part of the epic trilogy composed by Soror Maria de Mesquita Pimentel, completed by the *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor* and by the *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor*. This paper aims to analyse how the epic poem presents one of the most known episodes of the biblical tradition: the visitation of the Magi.

Introdução

Um dos mais conhecidos episódios da tradição cristã, a visitação dos magos é mencionada apenas em uma das narrativas neotestamentárias: o evangelho de Mateus. Apesar disso, essa passagem bíblica atraiu a atenção de doutores da igreja e outras autoridades,

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Professor adjunto de Literatura Portuguesa na mesma instituição. Email para contato: marquessamyn@gmail.com

tornando-se também objeto de interesse no imaginário popular. Desse modo, embora o relato do evangelista seja extremamente sucinto – não especificando, por exemplo, o número de magos que teriam visitado Jesus Cristo ou seus nomes, e mencionando como local de procedência apenas o “Oriente” –, a tradição cuidou de preencher as lacunas. Assim, tornaram-se célebres os três magos, cedo elevados à condição de “reis”, aos quais foram concedidos nomes e origens particulares; e cujos presentes ofertados ao infante estariam investidos de um profundo valor simbólico.

No sexto canto do *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* – primeira parte da trilogia épica composta por Soror Maria de Mesquita Pimentel, originalmente publicada em 1639 –, a monja cisterciense resgata o episódio da visitação dos magos, ao qual dispensa um singular tratamento literário. Neste artigo, tenciono analisar o modo como a referida autora inscreve a passagem bíblica em sua composição poética.

Com este propósito, começo o artigo recuperando o episódio da visitação dos magos, como presente na narrativa bíblica, e o modo como essa passagem foi progressivamente agregando novos elementos, provenientes da imaginação popular e/ou de reflexões propostas por eminentes teólogos. Num segundo momento, apresento o modo como o episódio surge no *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, analisando como Soror Maria de Mesquita Pimentel trata o repertório de elementos disponibilizados pela tradição em sua criação literária. Por fim, apresento algumas considerações finais, que sintetizam as reflexões e análises apresentadas nas seções anteriores.

A visitação dos (reis?) magos na tradição (para)bíblica

No âmbito neotestamentário, o episódio da visitação dos chamados “reis magos” a Jesus Cristo é unicamente referido no evangelho de Mateus² (2: 1-12). Afirma o evangelista que, após o nascimento de Jesus, “em dias do rei Herodes”, “vieram uns magos do Oriente a Jerusalém”, que perguntavam: “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo”. A situação alarmou não só Herodes, mas também “toda a Jerusalém”. Assim, o tetrarca convoca os sacerdotes e os escribas, buscando informações sobre o local do nascimento de Cristo. Ao ser informado de que, consoante a afirmação do “profeta” – a saber: Miqueias (Mq 5: 2) –, Jesus nascera em Belém da Judeia, Herodes solicita aos magos que se informem a respeito do menino e lhe deem notícias, a fim de que também ele possa adorá-lo. Os magos partem, seguindo o caminho que lhes é desvelado pela estrela que viram no

² Como referência para o texto bíblico, consultamos a versão Almeida Revista e Atualizada, sob responsabilidade da Sociedade Bíblica do Brasil.

Oriente, e finalmente chegam até o local onde estão Jesus e Maria. Prostrando-se, os magos oferecem ouro, incenso e mirra, sendo “prevenidos em sonho” para não retornarem até Herodes; desse modo, optam por regressar para sua terra por outro caminho.

Como observa Stephen Young (2013, p. 75), a história da interpretação popular da identidade dos magos constante do relato presente no texto de Mateus é profundamente imaginativa: com efeito, o evangelista não determina quantos foram os visitantes, não os qualifica como reis e tampouco oferece quaisquer elementos descritivos a respeito de sua raça ou de sua região de origem – lacunas que, entretanto, a tradição se ocupou de preencher. Na verdade, temos indícios que nos permitem identificar o processo ao longo do qual aos três magos foi atribuída a condição de reis, ao menos no que tange a nomes cuja autoridade é reconhecida: já Tertuliano, pioneiramente – e inadequadamente – argumentava que, no Oriente, os magos tendiam a ser considerados como reis³; e Cesário de Arles, no sexto século, identificava os três magos como reis⁴. Na leitura de Mark Allan Powell (2001, p. 136), os leitores de Mateus não esperariam encontrar nos magos a realeza, considerando-se a hostilidade do evangelista a essas formas de poder; ademais, já no chamado período pré-crítico houve um amplo ceticismo no que diz respeito a essa qualificação – algo que se estende até os tempos atuais, em que a atribuição da realeza aos magos é vastamente rejeitada.

O termo bíblico, mais propriamente – do grego *μάγοι* –, poderia designar tanto “magos” quanto membros da classe sacerdotal persa, pessoas dotadas de poder e conhecimento sobrenatural, ou mesmo enganadores (POWELL, 2001, p. 137). Na opinião de Craig A. Evans, trata-se provavelmente de magos ou astrônomos da região da Caldeia, porventura com vocação sacerdotal: “como observadores de estrelas e eruditos, muitas vezes a serviço de reis, [...] seria esperado que eles observassem e compreendessem fenômenos estranhos nos céus” (EVANS, 2012, p. 50; tradução minha).

Certa vertente teológica interpreta os magos como representações dos gentios que, sem reconhecer em Jesus o messias, ainda assim são a ele atraídos por um mensageiro divino – o que anteciparia o motivo da inclusão dos gentios no povo de Deus, próprio de Mateus (YOUNG, 2013, p. 75). Vale observar, a esse respeito, que essa é a primeira passagem em que aparece uma adoração a Jesus – motivo retomado pelo evangelista quando, após Jesus caminhar sobre as águas, é adorado pelos que estavam no barco, que o saúdam como “filho de Deus” (Mt 14: 33); quando Maria Madalena e a outra Maria, ao encontrarem Jesus já ressuscitado, abraçam seus pés em atitude de adoração (Mt 28: 9); e, já na conclusão da narrativa bíblica, quando Jesus

³ Cf. Dunn, 2004, p. 123, n. 105.

⁴ “Illi Magi tres reges esse dicuntur, et tria munera, hoc est, aurum, thus, et myrrham obtulerunt: quoniam verum Deum, et regem, et verum hominem in carne mortali apparuisse cognoverunt” (1865: PL 39, c. 2018).

aparece aos discípulos na Galileia, sendo adorado por alguns deles (Mt 28: 17). Não obstante, a identificação dos magos com gentios tem sido contemporaneamente desafiada, bem como a ideia de que se tratasse de “sábios”: por um lado, os magos poderiam ser judeus, e sua qualificação como eruditos refletiria a expectativa, mais ou menos moderna, de que fossem levados à busca do Messias em função do conhecimento por eles acumulado; por outro lado, os leitores de Mateus, especialmente os judeus, teriam encarado os magos com suspeita, pouco valorizando seus eventuais conhecimentos mágicos (EVANS, 2012, p. 51).

A enumeração dos magos como três se faz presente já no evangelho do Pseudo-Mateus, em que a visitação ocorre já transcorridos dois anos após o nascimento de Jesus:

Depois entraram na casa e encontraram o menino Jesus sentado no colo de sua mãe. Abriam, então, seus cofres e presentearam a José e a Maria. Depois cada um ofereceu uma moeda de ouro ao menino. E, finalmente, o primeiro o presenteou com ouro; o segundo, com incenso, e o terceiro com mirra. Como ainda tivessem a intenção de voltarem a Herodes, durante o sono receberam aviso de um anjo para que não o fizessem. E então adoraram o menino e, com muito júbilo, retornaram para sua terra por outro caminho. (ZILLES, 2004, p. 67-68)

Não obstante, essa enumeração ensejou uma acerba crítica de Calvino – para quem, se o evangelista não especificou quantos magos havia, melhor seria permanecer na ignorância do que “afirmar como certo o que é duvidoso”:

Papistas foram levados a um erro infantil, ao suporem que eles eram *três* em número: porque Mateus diz que eles trouxeram *ouro, incenso e mirra* (versículo 11). Mas o historiador não diz que cada um deles ofertou separadamente seu próprio presente. Ele afirma, em vez disso, que aqueles três presentes foram ofertados por eles em comum. (1999, p. 122; grifos do original; tradução minha)

A tradição também cuidou de conceder nomes aos magos e determinar sua procedência. Dessarte, já os *Excerpta Latina Barbari*, no sexto século, nomeavam-nos Bithisarea, Melchior e Gathaspa (METZGER, 1980, p. 80). Por sua vez, Beda, em sua exposição acerca do evangelho de Mateus, ofereceu a interpretação segundo a qual os magos representariam as três divisões da raça humana, tendo descendido dos três filhos de Noé; desse modo, os magos seriam provenientes da Ásia, da África e da Europa⁵. Interessa ainda atentar para a descrição presente nos *Excerptiones Patrum*, eventualmente atribuídos a Beda, que mais minuciosamente caracteriza os três magos, já então designados pelos nomes que seriam perpetuados pela tradição: Melchior, descrito como mais velho, com longas barbas e cabelo, teria ofertado a Jesus

⁵ “*Mystice autem tres Magi tres partes mundi significant, Asiam, Africam, Europam, sive humanum genus, quod a filiis Noe seminarium sumpsit*” (1862: PL XCII, c. 13).

o ouro; o incenso teria sido presenteado a Jesus por Caspar, qualificado como jovem e imberbe; finalmente, Baltasar, descrito como negro, seria o responsável por ofertar a Jesus a mirra⁶. Esse modo de representação se perpetuaria na tradição iconográfica: na Baixa Idade Média e no Renascimento, por exemplo, figurações da visitação dos magos apresentariam Gaspar trajado como um rei europeu, Melchior com um turbante – elemento que designaria sua origem asiática – e Balthazar com pele negra – o que bastaria para caracterizá-lo como um proveniente da África subsaariana (HARPER, 2005, p. 164).

Finalmente, importa aludir, conquanto necessariamente de modo breve, à vasta interpretação em torno do significado dos presentes ofertados pelos magos a Jesus. Como sintetiza Howard Clarke:

Seus três presentes podem simbolizar a realeza de Jesus (ouro), a divindade (o incenso utilizado no culto, mais comumente na igreja oriental e não até o quarto século – ou para o propósito mais pedestre de mascarar os odores do estábulo, embora aqui eles estejam em uma casa), e a humanidade ou, sinistramente, a morte (visto que cadáveres são ungidos com mirra, uma mistura de resinas aromáticas); e uma estória os tinha recebendo as roupas que enfaixavam Jesus como um presente de retribuição. Ou, de acordo com a Legenda Áurea, em termos dos doadores, os presentes representam o amor, a prece (visto que o incenso, nos serviços eclesiais, ascende como uma oferta fragrante para Deus) e a automortificação. Dante, no seu ensaio político *De Monarchia*, menciona – e disputa – outra tradição, consoante a qual o incenso e o ouro representam o poder espiritual e temporal, que Jesus posteriormente passaria para Pedro e para os sucessores papais de Pedro. (CLARKE, 2003, p. 19; tradução minha)

Não obstante, e como se poderia esperar, essas são apenas algumas entre muitas interpretações possíveis – havendo outras, assim apresentadas por Ian Boxall:

O assírio Isho'dad de Merv provê interpretações adicionais. O ouro significa a pureza de Cristo, bem como sua realeza; mirra, seu papel como médico curador, e 'a precisão e dificuldade de Seus mandamentos'; o incenso, sendo uma "substância mista", simboliza tanto sua divindade quanto sua humanidade. [...] A tradição siríaca frequentemente vincula a mirra à identidade de Cristo como médico [...]. Máximo de Turim também considera o incenso apropriado ao papel de Cristo como alto sacerdote. [...] Por contraste, Bernardo de Clairvaux provê uma interpretação mais mundana, literal [...]: ouro 'para socorrer sua pobreza, mirra para fortalecer os lábios infantes de Cristo, incenso para evitar os odores desagradáveis do estábulo. (BOXALL, 2018, p. 62; tradução minha)

⁶ *"Magi sunt, qui munera Domino dederunt: primus fuisse dicitur Melchior, senex et canus, barba proluxa et capillis, tunica hyacinthina, sagoque mileno, et calceamentis hyacinthino et albo mixto opere, pro mitrario varia compositionis indutus: aurum obtulit regi Domino. Secundus, nomine Caspar, juvenis imberbis, rubicundus, mylenica tunica, sago rubeo, calceamentis hyacinthinus vestitus: thure quasi Deo oblatione digna, Deum honorabat. Tertius, fuscus, integre barbatus, Balthasar nomine, habens tunicam rubeam, albo vario, calceamentis milenicis amictus: per myrrham Filium hominis moriturum professos est. Omnia autem vestimenta eorum Syriaca sunt". (1862: PL XCIV, c. 541)*

A visitação dos reis (magos?) na poesia de Soror Maria de Mesquita Pimentel

O episódio da visitação dos magos é literariamente figurado por Soror Maria de Mesquita Pimentel ao longo do sexto canto do *Memorial da Infância de Cristo* (VI, 15-54). Na décima quinta estância, Soror Pimentel assim introduz a passagem bíblica:

Moravam nessas partes do oriente
Três sábios de tão grande preminência,
Que por Reis eram tidos geralmente,
Dotando-lhe o saber esta excelência:
Que nos tempos dourados entre a gente
O que se avantejava na ciência
Chegava a ter-lhe o povo tal respeito,
Que por Rei entre todos era eleito.
(*Memorial da Infância*, VI, 15: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 226)

Notavelmente, nesta passagem é perceptível como a monja cisterciense dialoga menos com o texto bíblico, em sentido rigoroso, do que com a tradição parabíblica. Com efeito, os visitantes em momento nenhum são descritos como “magos” (termo que, como anteriormente observado, é o que de fato consta da narrativa bíblica), sendo em vez disso qualificados, primeiro, como “sábios”; e, logo a seguir, como reis – termo que, como ficará patente, é o mais utilizado pela autora do *Memorial da Infância*. A percepção de que sábios eram elevados à condição de reis evoca a já aludida interpretação proposta por Tertuliano; não obstante, Soror Pimentel projeta essa associação entre sabedoria e nobreza em um tempo passado, o que pode encerrar o sentido retórico de figurar uma espécie de “*Aurea Aetas*”. Finalmente, também a enumeração dos reis como três se inscreve em uma interpretação historicamente consolidada.

Tendo nos céus reconhecido, “com seu juízo ilustrado”, a estrela de Balão, também profetizada pela “Pérsica Sibila”, os magos perceberam haver chegado o tempo em que Cristo deveria nascer (*Memorial da Infância*, VI, 16); é especialmente plástica a descrição que a poetisa apresenta para a estrela, apresentada como um “círculo d’ouro” em que há “um minino” –

Uma cruz de ouro puro mui divina
A sagrada cabeça lhe adornava,
E ele em perfeições e graças puras
Excedia altamente as criaturas.
(*Memorial da Infância*, VI, 17: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 227)

Enquanto os magos contemplam o “imenso lume”, ouvem uma voz que, “do alto cume”, ordena que sigam para a Judeia, onde verão fenômenos “fora do natural costume”: um “Deus imortal” vestir “mortal librea”; um Rei nascer “num portal pobre” (*Memorial da Infância*, VI, 18). Conduzidos pela “voz divina” e pela “estrela radiante”, os reis seguem sobre dromedários –

animal que indicia uma proveniência geográfica específica, o que aparta o texto do épico da tradição segundo a qual os reis representariam três continentes⁷ – “mais velozes que o vento sibilante” (*Memorial da Infância*, VI, 19). A urgência com que os nobres avançam em direção a Jesus é enfatizada por Soror Pimentel, que afirma que “Como nos dromedários vão voando, / Chegaram a Judea em breves dias” (*Memorial da Infância*, VI, 20). Ausente do texto bíblico, a ênfase na celeridade com que os reis cumprem sua jornada tem a patente função retórica de ressaltar a importância do episódio; pode-se aventar, por outro lado, que aí haja também o propósito de converter o feito em uma ação mais conforme à discursividade épica.

Chegando a Jerusalém, indagam os reis pelo local onde “Mora o Rei dos Judeus, que é já nascido”, a quem desejam ofertar seus dons, servir humildemente e adorar (*Memorial da Infância*, VI, 22) – o que imediatamente causa comoção em “toda a gente”, tendo os nobres viajado desde “terra tão longínqua” a fim de “Visitar outro Rei a estranho mundo” (*Memorial da Infância*, VI, 23). Nesta passagem, Soror Pimentel evoca explicitamente a passagem de Miqueias aludida no evangelho de Mateus, recriando-a literariamente:

Dizem, que na Escritura deixou fama
Micheas, que Belém a cidade era,
Donde saíra o forte, e esforçado,
Que em Israel teria seu reinado.
(*Memorial da Infância*, VI, 24: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 228)

Como se poderia esperar, Soror Pimentel investe pesadamente na caracterização de Herodes, que reage de modo “iracundo” (*Memorial da Infância*, VI, 23), o que determina seu procedimento calculista: com “danado pensamento / Que na falsa aparência disfarçava”, o tetrarca convoca os reis em segredo, a fim de concretizar o plano que concebe “seu ódio tirano” (*Memorial da Infância*, VI, 25), simulando a intenção de também “render sua coroa” e sujeitar-se a “tão alto domínio” (*Memorial da Infância*, VI, 26).

Após o colóquio, os reis partem ao encalço da estrela; e, ao descrevê-la, novamente a autora alude ao seu aspecto extraordinário:

Dentro o belo minino aparecia
Que lhes dava sinais mui evidentes
De ser o claro sol, que com mil laços
De luz já uma estrela o tinha em braços.
(*Memorial da Infância*, VI, 28: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 229)

⁷ Esta procedência será posteriormente determinada no âmbito do texto poético (*Memorial da Infância*, VI, 32).

Qual é o sentido desta repetição? Parece-me que, por um lado, a escritora busca cumprir a intenção estética de reforçar a plasticidade do elemento literariamente concebido; e, por outro lado, ressaltar o modo como a própria estruturação do real está alterada pela mera presença de Jesus, conquanto neste momento isso só seja percebido pelos “sábios” – de onde a comoção que faz com que “cem mil lágrimas” brotem em cada um deles (*Memorial da Infância*, VI, 29). Esta é a passagem na qual Soror Maria de Mesquita evidencia a procedência dos nobres, ao descrevê-los como “Reais Nabateus” (*Memorial da Infância*, VI, 32) – vinculando-os, portanto, à Nabateia, que “desempenhou um papel significativo na política e na economia dos períodos intertestamental e neotestamentário da Palestina e da Transjordânia” (MILNE, 1996, p. 726; tradução minha). Desse modo, como já anteriormente referi, Soror Pimentel se aparta da tradição que postula diferentes origens para os magos, vinculando-os a uma região específica⁸.

Os reis encontram Jesus em um cenário especialmente adornado pelos serafins, de modo a construir um espaço propício para a sua adoração (*Memorial da Infância*, VI, 33-34). Mais minuciosa, entretanto, é a descrição das vestes que cobrem a Virgem e os nobres nabateus. Aquela traja “um manto de bocado, / Que para tão real recebimento / Dum pedaço do sol tinham cortado”; as estrelas “Abaixam ao cabelo d’ouro ondado” (*Memorial da Infância*, VI, 35); não bastasse isso,

E porque a Virgem mais se enriquecesse,
E seu valor mostrasse em tal visita,
Pôs a seu peito a joia que tevesse
A valia que sempre é infinita:
Que certo é, que tal lustre lhe desse
Este Agnus Dei, que nele deposita,
Que os Reis de tal prodígio se admirassem,
E logo, depois dele, a adorassem.
(*Memorial da Infância*, VI, 36: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 231)

Não menos minuciosa é a descrição das vestes dos reis, que surgem vestidos “muitamente”, “Ricas pérolas e ouro em si trazendo”, e diante da Virgem “Se inclinam com profunda reverência” (*Memorial da Infância*, VI, 37). Esse conjunto de luxuosos elementos, elencados a fim de compor uma cena que apresente o encontro entre figuras equivalentemente nobres, contrasta com o rememorado cenário do nascimento de Jesus Cristo:

Diante desse Rei, que em feno e abrolhos
Quis nascer doces lágrimas vertendo,
Se põem os três monarcas de giolhos
O rosto cada qual co chão cozendo:

⁸ Contemporaneamente, a hipótese de que os magos eram nabateus é defendida por Longenecker (2017).

Aí vivas correntes são seus olhos,
E depois de se estarem desfazendo,
As cabeças da terra levantando
Humildemente estão Deus adorando.
(*Memorial da Infância*, VI, 40: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 232)

Os reis abrem então seus cofres, repletos de valiosos itens – entre os quais há “jacintos, carbunclos, esmeraldas” e “Mil pinhas de diamantes em grinaldas” (*Memorial da Infância*, VI, 42) –, e dele retiram os três presentes que ofertam ao “Sacro Infante”: “Incenso, mirra, e ouro soberano” (*Memorial da Infância*, VI, 43). Soror Maria de Mesquita Pimentel oferece, nesta passagem, sua interpretação para os dons oferecidos pelos nobres a Jesus Cristo. Primeiro, a autora expõe o significado do ouro:

[...]
Neste ouro que vos damos, rico, e fino,
Em que vão de afeição vivos afeitos,
Por Rei dos Reis os três vos confessamos,
E a vós nossas coroas humilhamos.
(*Memorial da Infância*, VI, 44: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 233)

Como anteriormente exposto, a associação do ouro à nobreza crística é uma das interpretações mais recorrentes na tradição cristã. No *Memorial da Infância*, esse significado convencional é matizado pelo reconhecimento, por parte dos três reis, da superioridade de Jesus; não por uma contingência, isso tem lugar após a minuciosa descrição das riquezas transportadas pelos soberanos, que voluntariamente depõem suas coroas perante o infante.

O dom a seguir ofertado é o incenso:

No incenso odorífero precioso
Também provamos serdes Deus eterno,
Imortal, infinito, poderoso,
Impassível, imenso, sempiterno,
Incompreensível, forte, majestoso,
Invencível, magnífico, superno,
Deus trino, que num ser tem absolutos
Mil milhares de nomes, e atributos.
(*Memorial da Infância*, VI, 45: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 234)

Também aqui, Soror Pimentel recupera a tradição interpretativa, que entende ser o incenso – item que, embora pudesse ser usado para propósitos seculares, aparece no texto bíblico mais frequentemente em um contexto religioso (SWEENEY, 1996, p. 351) – um reconhecimento da divindade de Jesus. O arrolamento de atributos divinos, que ocupa quase toda a instância, encontra uma síntese nos dois versos que a encerram, em que se destaca o

elaborado jogo de palavras que conjuga a essência tríplice de Deus, sua unidade e os “mil milhares” de nomes e qualidades que lhe podem ser associados, dessarte evidenciando como a efetiva compreensão de Deus ultrapassa os limites da racionalidade humana.

Finalmente, os nobres ofertam a Jesus o terceiro presente:

Na mirra claramente confessando
Estamos serdes homem verdadeiro,
Infante agora ao Padre namorando,
E com chagas despois em o madeiro:
E também todos três já protestando
Com verdadeira fé, me peito inteiro
De adorar-vos por Deus eternamente
Em nome da Gentia feliz gente.
(*Memorial da Infância*, VI, 46: PIMENTEL, 2016 [1639], p. 234)

Desse modo, como já fizera em relação ao ouro e ao incenso, a monja cisterciense resgata o significado tradicionalmente atribuído à mirra, associando-a à mortalidade e à humanidade de Jesus. Demandam relevo a dupla alusão à infância, no terceiro verso da estrofe, e a antecipação do trágico destino, no verso que a esse se segue; e a referência aos gentios, aos quais também a boa fortuna estaria assegurada pela chegada do messias.

Os nobres, a seguir, saúdam Maria, qualificada como “despois de Deus, por graça pura, / A mais bela e perfeita creatura” (*Memorial da Infância*, VI, 48); e José, alcunhado “Santo patriarca venturoso”, a quem cabe a posição de “da Mãe de Deus esposo, / Anjo de sua guarda, e seu emparo” e “pai putativo do Messias” (*Memorial da Infância*, VI, 49). Em retribuição ao gesto, Maria presenteia os nobres com “um sacro cândido lencinho / Esmaltado do sangue precioso, / Que nele derramara o Cordeirinho, / Quando o feriu o golpe riguroso” (*Memorial da Infância*, VI, 51) – recriação poética, por conseguinte, daquela tradição segundo a qual Maria teria ofertado aos magos as vestes de seu filho. Tendo “devotamente” recebido a “divina relíquia”, os reis beijam os pés do “minino Deus” (*Memorial da Infância*, VI, 53) e se despedem; “As almas distilando em doce pranto”, partem “para suas terras do Oriente”, deixando “Herodes bramando de ira e espanto” (*Memorial da Infância*, VI, 54).

Considerações finais

Em uma análise da recriação literária do episódio da visitação dos magos por Soror Maria de Mesquita Pimentel, podem-se destacar, já à guisa de conclusão, algumas questões:

– em primeiro lugar: certa propensão a avançar deliberadamente para além dos limites impostos pela narrativa neotestamentária; tarefa, com efeito, inevitável, quando se considera a

escassez de elementos disponibilizados pelo evangelista. Não obstante, o deliberado propósito de resgatar, no texto poético, a narrativa bíblica se manifesta quando, por exemplo, Soror Pimentel alude explicitamente à passagem do livro de Miqueias, chegando a recriar literariamente a profecia que lhe é atribuída;

– em segundo lugar: a extrapolação do discurso neotestamentário é rigorosamente condicionada por um aproveitamento de recursos presentes na tradição cristã, aproveitados pela monja escritora como fundamentos a partir dos quais exerce seu trabalho criativo. Isso se evidencia tanto no que diz respeito a elementos que se consolidaram como lugares-comuns (por exemplo, a quantificação e a qualificação dos visitantes – como três reis; ou o sentido simbólico atribuído aos presentes ofertados pelos visitantes) quanto no que tange a narrativas que, embora presentes na tradição, são menos conhecidas (por exemplo, a oferta de um presente como retribuição aos visitantes, por Maria);

– em terceiro lugar: aquilo que, na verdade, constitui a tarefa mais fundamental, ou seja: o tratamento literário do material disponível – que, no épico de Soror Pimentel, se caracteriza por um forte investimento imagético (recorde-se, à guisa de ilustração, a descrição constante do épico para a estrela que guia os reis, ou o detalhamento minucioso das roupas de Maria e dos reis, por ocasião do encontro) e pelo manejo de recursos retóricos que acentuam as qualidades estéticas da composição.

Referências

BEDA [VENERABILIS BEDAE]. In *Matthaei Evangelium Expositio*. In: _____. **Opera omnia**. T. III. Paris: J.-P. Migne, 1862.

BOXALL, Ian. **Matthew through the centuries**. Hoboken: Wiley, 2018.

CALVINO, João. **Commentary on Matthew, Mark, Luke**. v. 1. Grand Rapids: CCEL, 1999.

CESÁRIO DE ARLES [CAESARIUS ARELATENSIS]. Sermo CXXXIX. In *Epiphania Domini, IX*. In: SANCTI AURELLI AUGUSTINI. **Opera omnia**. T. V. Paris: J.-P. Migne, 1865.

CLARKE, Howard. **The Gospel of Matthew and its readers: a historical introduction to the First Gospel**. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

DUNN, Geoffrey. **Tertullian**. Londres: Nova Iorque: Routledge, 2004.

EVANS, Craig A. **Matthew**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.

HARPER, James G. Turks as Trojans; Trojans as Turks: visual imagery of the Trojan War and the politics of cultural identity in fifteenth-century Europe. In: KABIR, Ananya Jahanara; WILLIAMS, Deanne. **Postcolonial approaches to the European Middle Ages: translating cultures**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LONGENECKER, Dwight. *Mystery of the Magi: the quest to identify the three wise men*. Nova Jérsei: Regnery History, 2017.

METZGER, Bruce Manning. **New Testament Studies: Philological, Versional, and Patristic**. V. 10. Leiden: E. J. Brill, 1980.

MILNE, Mary K. Nabatea, Nabateans. In: ACHEMEIER, Paul J. (Ed.). **The HarperCollins Bible Dictionary**. São Francisco: HarperCollins Publishers, 1996.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Cristo e triunfo do divino amor – primeira parte**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016. [1639]

POWELL, Mark Allan. **Chasing the Eastern star: adventures in biblical reader-response criticism**. Louisville: Westminster John Knox Press.

SWEENEY, Marvin A. Frankincense. In: ACHEMEIER, Paul J. (Ed.). **The HarperCollins Bible Dictionary**. São Francisco: HarperCollins Publishers, 1996.

YOUNG, Stephen E. Birth of Jesus. In: GREEN, Joel B.; BROWN, Jeannine K.; PERRIN, Nicholas. **Dictionary of Jesus and the Gospels**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013.

ZILLES, Urbano. **Evangelhos apócrifos**. Tradução e introdução de Urbano Zilles. 3ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.